

Estádio da Machava: 50 anos de uma triangulação entre Moçambique, Brasil e Portugal

Machava Stadium: 50 Years of a Triangulation
between Mozambique, Brazil and Portugal

Marílio Wane

Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal
Doutorando em Ciências Musicais, UNL
marilio.mz@gmail.com

RESUMO: Este ensaio aborda a notória baixa repercussão midiática de um fato histórico de grande relevância no debate público para os três países diretamente envolvidos: Moçambique, Portugal e Brasil. Trata-se da partida de futebol entre as seleções nacionais de Portugal e Brasil, disputada a 30 de junho de 1968 e que completou 50 anos em 2018, durante a Copa do Mundo da Rússia. Na tentativa de compreender as razões do desconhecimento generalizado em relação ao fato nos diferentes países, a reflexão aqui apresentada aborda os condicionalismos políticos e ideológicos da produção da memória nos diferentes contextos em questão. Para além das particularidades observáveis sobre o tema em cada um dos países, este ensaio procura entrever os pontos comuns de diálogo existentes nas diferentes construções discursivas das identidades nacionais, suas rupturas, continuidades, convergências e contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Memória coletiva; Patrimônio cultural.

ABSTRACT: This essay discusses the notoriously low mediatic repercussion of an historic event of great relevance on the public debate within the three countries directly involved: Mozambique, Portugal and Brazil. It is a football match between the Portuguese and Brazilian national teams, held on June 30th of 1968, which has celebrated 50 years in 2018, during the Russia FIFA World Cup. As an attempt to understand the reasons for the widespread unawareness of this fact in the three different countries, the present reflection approaches political and ideological conditionings on the production of collective memory in those various contexts. Besides the evident specificities about this issue in each of the countries, this essay seeks to glimpse some common point of dialogue on the discursive constructions of its national identities, its ruptures, continuities, convergences and contradictions.

KEYWORDS: Colonialism; Collective Memory; Cultural Heritage.

INTRODUÇÃO: O CAMPO

Ano de Copa do Mundo é um período que o assunto “futebol” domina as conversas entre as pessoas em geral, amigos e familiares, bem como parte importante do debate público a nível global. Entre comentários sobre jogadores, equipes e jogos, a competição é também um momento de celebração da memória do próprio esporte, cujos feitos do passado são trazidos ao presente para melhor contextualizar os jogos ou simplesmente para alimentar o interesse do público. Entretanto, no meio disso tudo, a passagem de um fato histórico da maior importância parece não ter sido devidamente registrada por aqueles que tratam da memória coletiva nos três países envolvidos.

No dia 30 de junho de 1968, foi inaugurado o Estádio da Machava, aquele que durante décadas, foi o principal palco do futebol moçambicano,¹ tendo abrigado os principais clássicos, bem como os jogos da seleção nacional. Muito além disso, o Estádio da Machava é considerado oficialmente como um “local histórico” pelo fato de, sete anos mais tarde, a 25 de Junho de 1975, ter sido o local escolhido para a proclamação da independência nacional. Diante de uma multidão exultante e esperançosa por novos tempos, Samora Machel, o primeiro presidente do país, declarou a “independência total e completa” e a sua “constituição em República Popular de Moçambique”. Ou seja, falamos aqui de uma nação simbolicamente “nascida” em um campo de futebol.

Voltando ao ano de 1968, o Estádio da Machava foi originalmente batizado como “Estádio Salazar”, em homenagem a António de Oliveira Salazar, Primeiro-Ministro de Portugal e líder do Estado Novo, o regime fascista que praticamente se confunde com o próprio colonialismo português no século XX. De tal forma que a inauguração do estádio revestiu-se de todas as honras dignas de uma cerimónia oficial de Estado, tornando-se, inevitavelmente, num ato de propaganda política do regime. De fato, na altura, o projeto da construção foi concebido para ser o maior empreendimento esportivo do governo português nas colónias; para além do campo de futebol, uma pista de atletismo e outras infra-estruturas para a prática de outras modalidades estavam contempladas e foram entregues.

¹ Atualmente, este posto é ocupado pelo Estádio Nacional do Zimpeto, inaugurado em 2011, por ocasião dos XI Jogos Africanos.



Selo comemorativo alusivo à inauguração do “Estádio Salazar”, a 30 de junho de 1968, nos arredores da então cidade de Lourenço Marques, atualmente Maputo.

O JOGO

Para celebrar o evento, a cereja do bolo foi nada mais nada menos que um jogo amistoso entre as seleções nacionais de Portugal² e do Brasil. Para se ter uma ideia da dimensão desta partida, basta dizer que tratava-se de um confronto entre aquelas que são consideradas algumas das mais importantes formações dos dois lados. Do lado português, estava a seleção que alcançou, até hoje, o resultado mais expressivo da história do futebol nacional: o terceiro lugar na Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra. E do lado brasileiro, falamos da base da equipe que, dois anos mais tarde, veio a conquistar a Copa do Mundo de 1970, disputada no México. Contando com jogadores como Pelé, Tostão, Rivellino, Jairzinho, Gérson e outros, é por muitos considerada como a melhor formação de sempre do Brasil e uma das melhores de todos os tempos.

² Para todos efeitos, naquele contexto e de acordo com a lógica e o discurso colonial, Moçambique fazia parte de Portugal, como uma “província ultramarina”.

Sobre a seleção portuguesa, é incontornável referenciar dois de seus principais jogadores: Eusébio Ferreira da Silva e Mário Esteves Coluna. Ambos dispensam apresentações, entretanto, para efeitos do tema tratado aqui, o fato de serem naturais de Moçambique é particularmente significativo, tendo em vista o carácter propagandístico do evento. Infelizmente e por razões que vale a pena investigar, Eusébio, a estrela maior “portuguesa”, não pôde disputar a partida, desfalcando consideravelmente a sua equipe por conta de uma operação de retirada de meniscos no joelho. E como que para equilibrar, do lado brasileiro também teve a sua baixa: ninguém menos que Pelé, a estrela maior do grupo, que não participou porque disputava jogos amistosos pelo Santos, o seu clube no Brasil.

Neste que foi o primeiro jogo das duas seleções no continente africano, o facto é que o jogo terminou em 2 a 0 a favor dos brasileiros, cujos tentos foram anotados por Rivellino e Jairzinho. Ambos eram também considerados como alguns dos melhores jogadores daquela equipe e de seus clubes no Brasil, Corinthians e Botafogo, respetivamente. De maneira quase fortuita, dois dos principais jogadores da equipe vencedora – Rivellino e Tostão – fizeram, cada um à sua maneira, referências à partida que, como veremos a seguir, é pouco conhecida do público do futebol de uma maneira geral.

Rivellino falou sobre o jogo num comentário casual durante um programa televisivo,³ no qual discorria sobre o “elástico”, o drible que era a marca registada de seu talento como jogador. Entre outros aspectos, orgulhava-se de tê-lo aplicado em verdadeiros “monstros sagrados” do futebol, como o Mário Coluna e o alemão Franz Beckenbauer. Por sua vez, Tostão refere-se ao jogo em *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, livro de memórias publicado em 2016, em que reflete sobre questões atuais através da sua longa e marcante experiência como futebolista. Nas suas palavras:

Nessa ocasião, fizemos um amistoso contra Portugal em Lourenço Marques (atual Maputo), capital de Moçambique que na época, era colónia portuguesa. Quando chegamos ao aeroporto, havia uma enorme multidão e todos gritavam: ‘Pelé! Pelé!’. Imaginei que não sabiam que Pelé não estava presente. No hotel e nos treinos foi a mesma coisa. Quando chegamos ao estádio para o jogo, a multidão era muito maior. Continuavam gritando por

³ Foi durante o programa “Resenha Espn”, exibido no canal brasileiro ESPN Brasil.

Pelé, e pensei que todos entrariam para ver o jogo. Quando começou a partida, olhei em volta, e o estádio estava quase vazio. Aí, compreendi que o ingresso era muito caro e que só os portugueses mais ricos assistiram a partida. Os africanos não viram o jogo nem Pelé.⁴



A seleção brasileira durante a Copa de 1970, com a famosa linha de frente entre os jogadores agachados, da esquerda para a direita: Jairzinho, Rivellino, Tostão, Pelé e Paulo César.
Fonte: Acervo CBF.

A MEMÓRIA

Apesar de toda a densidade simbólica contida neste jogo histórico entre Portugal e Brasil em Moçambique, o mesmo é amplamente desconhecido de boa parte do público (de futebol ou não) nos três países envolvidos. É certo que talvez deva-se à ausência de Eusébio e Pelé, que eram duas das grandes estrelas do futebol mundial na altura e que, certamente, dariam maior visibilidade à partida. Entretanto, para além deles, outra grande ausência se fez sentir: a do próprio homenageado.

⁴ TOSTÃO. *Sonhos vividos, sonhados e perdidos*, p. 39-40. Este depoimento contrasta com relatos publicados pela imprensa brasileira da época, especialmente no *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, que davam conta de um público significativo no jogo.

Contrariando a expectativa inicial de acordo com a programação do evento, Salazar não compareceu à cerimónia de inauguração devido a um outro compromisso oficial.⁵ Aliás, deve-se registrar aqui o curiosíssimo fato de, em mais de quatro décadas de governo, Salazar praticamente nunca ter saído de Portugal, naquele que pode ser considerado um retrato mais do que caricato do provincianismo de uma mentalidade fascista.

Como se costuma dizer, a memória constitui-se não apenas daquilo que se é lembrado, mas também daquilo que se é esquecido, de modo a se construir uma determinada interpretação dos eventos históricos, gerando uma narrativa. Em outras palavras, estes eventos são lembrados ou esquecidos de acordo com a conveniência, que pode ser ditada por interesses de certos grupos sociais, pelo momento histórico ou pela dinâmica própria da vida social. Mesmo pessoas que viveram ou testemunharam uma determinada situação podem ser literalmente traídas pela narrativa petrificada de um memória construída ou idealizada. Neste caso, por exemplo, é comum ouvir de pessoas de idade avançada que viveram na Lourenço Marques de então, que Eusébio e Pelé jogaram a partida. Quando sabemos que, objetivamente, não se fizeram presentes.

Para melhor compreender a dimensão deste jogo-cerimônia oficial, faz-se necessário um breve recuo ao contexto político e histórico, que pode dizer muito sobre a nuvem de esquecimento que paira sobre o tema. A década de 1960 marca uma viragem crítica na dinâmica do colonialismo português, motivado sobretudo pelas lutas de libertação nos territórios sob seu domínio em África e na Ásia. Na verdade, tais movimentos ecoavam um processo maior de descolonização a nível global, impulsionado pelas primeiras independências nos dois continentes já a partir da década de 1950. De modo que Portugal passa a sofrer forte pressão internacional devido ao anacronismo da sua política imperialista somada às graves violações de direitos humanos correlacionadas.

Como resposta, num primeiro momento, o regime salazarista apostou numa propaganda política assimilacionista, em que tentava convencer a comunidade

⁵ Embora convidados, também não compareceram ao evento o Presidente da República, Almirante Américo Tomás, o Ministro do Ultramar, Silva Cunha e o então Governador-Geral de Moçambique, Baltazar Rebelo de Sousa.

internacional da inexistência de uma situação “colonial”. Para tal, lançou mão do luso-tropicalismo,⁶ uma teoria criada pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre,⁷ como a ideologia oficial, cientificamente legitimada.⁸ De forma sucinta, esta corrente de pensamento afirmava uma especificidade inata dos portugueses na sua relação com as populações e territórios dos trópicos sob seu domínio, que resultaria numa convivência harmoniosa, onde todos sentiam-se “portugueses”. Entretanto, o avanço das lutas de libertação no continente africano obrigaram o regime a soluções mais repressivas, notadamente a partir da segunda metade da década de 1960. Em Moçambique, assim como em outras então colónias, assistiu-se à intensificação da perseguição política, com prisões, torturas e assassinatos dos “subversivos”, ou “terroristas”, tal como alardeava a terminologia do discurso colonial.

O ano de 1968 é particularmente crítico, tanto a nível mundial como local. É o ano do famoso “Maio de 68” na França, em que a juventude da chamada “contra-cultura” questiona valores morais tidos como pilares da civilização ocidental. No mesmo passo do processo de descolonização em curso no continente africano, a resistência anti-colonial em Moçambique dá um importante passo com a realização do II Congresso da Frelimo, no mês de julho de 1968, em território moçambicano, no qual o movimento organiza-se ainda mais e define melhor as suas estratégias de luta. E ainda neste ano, no mês de setembro, o próprio Salazar, no poder desde 1926, cessa funções como chefe do governo português, após quatro décadas de mandato ditatorial.

Enfim, é com este pano de fundo que, a 30 de junho de 1968, inaugura-se o atual Estádio da Machava, agraciado com a honraria de receber duas equipes míticas

⁶ CASTELO. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*, p. 96-7.

⁷ No debate académico brasileiro, a Gilberto Freyre é atribuída também a criação do “mito da democracia racial”, uma espécie de ideologia racista que contribui para a manutenção do *establishment* através da negação da existência de preconceito e da discriminação racial no país.

⁸ Durante a década de 1950, Freyre foi convidado pelo governo português a viajar pelas então colónias e pela Metrópole para difundir a sua teoria em palestras, relatos e publicações. Sobre a sua passagem pela Ilha de Moçambique (antiga capital do então território colonial), em janeiro de 1952, afirmou: “Aqui encontro um ambiente ideal para quem procura sentir e não apenas compreender a presença ou a estabilidade lusitana no Ultramar” (FREYRE. *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de carácter e ação*, p. 408); “Sob o domínio português, tornou-se uma das mais vigorosas, complexas e harmônicas microcivilizações regionais dentro do complexo lusotropical de cultura humana.” (p. 411); “Aqui (...) se encontra o ambiente superideal, com condições quase de laboratório sociológico e etnológico, para o estudo dos processos portugueses de interpenetração de culturas paralelo ao de miscigenação (p. 412).

do futebol mundial. Todos estes aspectos tornam particularmente intrigante o alto grau de desconhecimento (ou “esquecimento”) sobre o evento na memória colectiva, mesmo tomando-se em conta as ilustres ausências. É interessante refletir sobre o tema a partir das três perspectivas aí envolvidas: a portuguesa, a brasileira e a moçambicana. Em todos os casos, fica-se com a impressão de tratar-se de um tema incómodo, sobre o qual há diversas razões para não trazê-lo à tona. Podemos constatar esse dado, salvo engano, a partir da ausência quase que completa de referências à passagem dos 50 anos da partida na imprensa dos três países.

Por que, então, o esquecimento? Ou ainda mais precisamente, por que o silenciamento acerca de um episódio tão rico e revelador das nuances e complexidades históricas dos três países? Mais do que pretender encontrar respostas objetivas (algo que exigiria um trabalho aprofundado de pesquisa histórica e jornalística), refletir a respeito contribui para a elucidação de dados importantes que não só ajudam a reconstruir o passado como também contribuem para o debate de temas contemporâneos.⁹

PORTUGAL: A “METRÓPOLE”

Do ponto de vista do país responsável pela organização do evento, tem-se a impressão que a rememoração de um ato de propaganda colonial é, em si, algo incómodo, dada a carga negativa intrinsecamente associada. Tanto mais curioso é o facto de que no dia 30 de junho de 2018, ou seja, no dia em que completaram-se os 50 anos da efeméride, a seleção portuguesa atuou pela Copa do Mundo,¹⁰ o que seria um prato cheio a ser explorado pela cobertura midiática, que costuma aproveitar ocasiões como estas para tal. Embora não haja elementos suficientemente consistentes para explicar tal silêncio, importa apontar a existência de um tabu em relação ao legado colonial na opinião pública portuguesa contemporânea. Especialmente, no que tange à questão do racismo estrutural, social e culturalmente herdado a partir das relações históricas com os povos outrora sob seu domínio colonial.

⁹ À época, Eusébio e Mário Coluna viveram situações e questionamentos sobre a sua identidade semelhantes às que vivem atualmente muitos jogadores das seleções europeias que tem origens e/ou nasceram nas ex-colónias africanas e asiáticas.

¹⁰ Derrota para a seleção do Uruguai por 2 a 0.

No Museu do Futebol Clube do Porto, encontra-se exposta a flâmula alusiva aos jogos disputados entre o Futebol Clube do Porto e o antigo Desportivo de Lourenço Marques pelas meias-finais da Taça de Portugal de 1958, a 25 de maio e



Imagem: arquivo pessoal/Marílio Wane.

1º de junho de 1958. Essa flâmula que dá conta da realização de dois jogos entre o clube anfitrião e o antigo Grupo Desportivo de Lourenço Marques (atual Grupo Desportivo de Maputo), disputados em 1958,¹¹ portanto, dez anos antes da inauguração do então Estádio Salazar. Foram jogos válidos pelas semifinais da Taça de Portugal daquele ano, em que foram convidadas equipes das antigas colônias para participar da fase final da competição.¹² Ações como essa visavam materializar a ideia de que as colônias eram parte integrante de uma mesma nação, justamente a ideia de continuidade ou comunidade espiritual em relação à antiga Metrópole, conforme pregava a ideologia luso-tropicalista.

O convite feito às equipes africanas para disputarem a Taça de Portugal sugere um precedente da instrumentalização do futebol para propósitos políticos, isto claro, sem deixar de lado o interesse puramente desportivo da iniciativa. Todo o investimento e logística implicados no evento dão a dimensão da importância atribuída a realizações desta natureza no contexto colonial. Seria interessante proceder a uma análise dos relatos da imprensa da época, nas colônias e na Metrópole, no sentido de perceber em que medida o engajamento produzido pelo espetáculo contribuiu ou não para o efeito, de acordo com as distintas repercussões.

¹¹ Desportivo LM 2 a 6 FC Porto, a 25 de maio de 1958; FC Porto 9 a 1 Desportivo LM, a 1º junho de 1958.

¹² No mesmo contexto, o Ferroviário de Huíla, de Angola, também foi convidado a participar da fase final da competição.

BRASIL: O CONVIDADO

No caso do Brasil, o silêncio sobre o episódio traz outro conjunto de questões delicadas. Para já, é no mínimo notório que num país que produz um alto volume de informação sobre futebol não se mencione um fato histórico relevante sobre aquela que é considerada a sua melhor formação, a que encarna o ideal do jogo caracteristicamente “brasileiro”. Ainda nos dias de hoje, imagens das conquistas das Copas do Mundo de 1958, 1962, 1970 e as mais recentes, 1994 e 2002, são repetidas à exaustão durante a programação televisiva. Entretanto, mesmo um brasileiro médio conhecedor do futebol nacional não tem gravadas na sua memória as imagens da Copa do Mundo de 1966, disputada na mesma época, entre duas conquistas importantes. Aqui, estamos diante de dois fenómenos importantes no processo de construção da memória coletiva: a repetição constante – para exaltar os feitos positivos – e a seletividade – para “esquecer” o que não interessa lembrar.

Bastante notório deste carácter seletivo é o fato irónico de a seleção brasileira ter sido eliminada da Copa de Mundo de 1966 justamente pela equipe portuguesa, pelo placar de 3 a 1, sendo dois dos tentos anotados por Eusébio. Basicamente, eram as bases das mesmas equipes que se enfrentariam dois anos depois, na então Lourenço Marques. Tal como já referido anteriormente, a equipe brasileira que foi a campo neste jogo era, fundamentalmente, a mesma que se sagraria campeã mundial dois anos depois, no México.

Se no ano de 2018, não houve por parte da imprensa brasileira nenhuma referência digna de nota ao jogo, o mesmo não se pode dizer de aquando da sua realização efetiva. A partir de crônicas publicadas no célebre *Jornal dos Sports*,¹³ o pesquisador brasileiro Elcio Cornelsen procedeu a uma análise da polifonia produzida por tais textos, através dos quais é possível entrever aspectos do contexto político da época.¹⁴ Tais aspectos caracterizam-se por visões ideológicas refletidas no comentário futebolístico, que tornam-se relevantes devido ao grande alcance deste jornal e o seu peso na formação da opinião pública de então. Para além do

¹³ Fundado em 1931 e editado na então capital, Rio de Janeiro, foi durante décadas o principal jornal dedicado exclusivamente ao noticiário esportivo no Brasil, tendo criado um estilo próprio, que veio a influenciar o jornalismo esportivo em todo o país.

¹⁴ CORNELSEN. “Tudo em família com a Paz do Senhor” – certa vez no Estádio Salazar, p. 137.

clima de revanche associado a esta partida (pela própria linha editorial do jornal), Cornelsen aponta para o caráter nacionalista/ufanista nos textos dos colunistas Nelson Rodrigues¹⁵ e Jocelyn Brasil e um notório tom “conciliatório” e “fraternal” (que remete à ideologia luso-tropicalista) no texto de Zé de São Januário. Portanto, trata-se de uma partida em relação à qual há um conjunto de ingredientes de grande relevância histórica: alto nível técnico, rivalidade, logística complexa e o seu inexorável caráter político.

Há ainda outros dados relevantes, pois trata-se da primeira apresentação da seleção brasileira de futebol no continente africano, onde encontram-se as raízes históricas e culturais de cerca de metade da população do país¹⁶ e, significativamente, da maioria dos seus jogadores mais talentosos historicamente. Aqui, coloca-se a questão deste fato não merecer destaque ou registo na construção narrativa futebolística nacional veiculada de forma repetitiva pelos meios de comunicação locais. Com o “agravante” de o evento ter ocorrido em Moçambique, país com o qual compartilha laços históricos e culturais. Ainda que a título de especulação, este aspecto do silenciamento encaixa-se num quadro mais geral de distanciamento simbólico do Brasil em relação à África contemporânea,¹⁷ operado pelo sistema de ensino e, mais uma vez, pela grande imprensa local.

Do ponto de vista político, o Brasil vivia os primeiros anos de uma ditadura militar, iniciada em 1964 e que enquadrava-se no contexto de um processo mais abrangente e contemporâneo na América Latina. Este dado coloca a questão do significado simbólico e político da participação da seleção brasileira no evento. Para além da excelência amplamente reconhecida no mundo do futebol – o que por si só seria um enorme atrativo para a inauguração do Estádio Salazar – o Brasil era tido como o modelo ideal de sucesso no âmbito da teoria luso-tropicalista. Neste sentido, a presença da equipe canarina contribuiria para ratificar o discurso da

¹⁵ RODRIGUES. O melhor futebol do mundo, p. 4. Neste texto, denota-se um traço marcante do célebre escritor carioca: a crítica ao que chamava de “complexo de vira-lata”, que seria um sentimento de inferioridade dos brasileiros diante das nações mais desenvolvidas do mundo. Em grande medida, este posicionamento confunde-se com um nacionalismo exacerbado, como contraponto.

¹⁶ GOMES; MARLI. As cores da desigualdade, p. 14-9. Em pesquisa recente, as autoras demonstram a persistência de más condições de vida em que vive este vasto segmento da população brasileira, como herança do racismo estrutural engendrado pelo sistema escravocrata.

¹⁷ CORNELSEN. “Tudo em família com a Paz do Senhor” – certa vez no Estádio Salazar, p. 136.

propaganda colonial portuguesa, aliada à admiração natural que a população já nutria pelos seus jogadores.¹⁸

Já em relação ao aspecto prático, de certa forma, a participação brasileira poderia sugerir alguma simpatia ou afinidade com o regime colonial português. Nada surpreendente para um regime igualmente autoritário. Muito provavelmente, reside aí uma das possíveis razões fundamentais para o silenciamento brasileiro sobre o caso: não ficaria bem deixar registada para a história uma provável instrumentalização da seleção nacional para apoio a um regime colonial. Algo, que diga-se de passagem, não seria de todo estranho, uma vez que o sucesso da equipe foi explicitamente usado pelo regime militar para estimular o patriotismo, especialmente depois da conquista da Copa do Mundo de 1970.¹⁹ Está aí uma hipótese mais do que plausível para que não hajam muitas referências ao histórico confronto com a seleção portuguesa.

MOÇAMBIQUE: O ANFITRIÃO

No caso moçambicano, o silenciamento em torno deste jogo é particularmente grave por se tratar da inauguração do local em que, sete anos depois, foi proclamada a independência nacional. Ou seja, em um local histórico da mais alta relevância, oficialmente reconhecido. Numa primeira tentativa de explicação, temos o significado colonialista do evento em si, que é a própria antítese do simbolismo do que ocorreu sete anos depois no mesmo local. Em outras palavras, a independência veio justamente para suplantar as práticas e os valores socioculturais relacionados com a dominação colonial sobre os moçambicanos. Entretanto, apesar das possíveis “razões de Estado”, a realidade do facto histórico permanece e é inexorável.

Há um contexto mais geral, neste caso, que envolve o silenciamento sistemático de diversos acontecimentos e situações ocorridos no tempo colonial, no âmbito da construção da narrativa histórica de uma nação independente, a partir de 1975. Daquilo que se pode depreender da historiografia oficial moçambicana, a

¹⁸ Como exemplo disso, há aqui mais uma singela ironia relacionada com Eusébio: quando criança, destacou-se numa equipe de futebol das zonas suburbanas de Lourenço Marques conhecida como os “Brasileiros da Mafalala”.

¹⁹ PELÉ. Direção: Ben Nicholas, David Tryhorn. Brasil, 2021 (108 min), son. col.

chamada Luta Armada de Libertação Nacional²⁰ surge como um verdadeiro mito fundador do país, culminando com a Independência, o “glorioso 25 de Junho”. Sobretudo na primeira década após a conquista da autodeterminação, durante a vigência do regime socialista, a ideologia oficial tratou de consolidar tal narrativa por meio dos discursos públicos, do sistema de ensino, dos meios de comunicação de massa, enfim, por meio da propaganda. De tal forma que muitos acontecimentos do período colonial que não se encaixavam na lógica um tanto maniqueísta do discurso oficial foram relegados ao segundo plano ou ao puro e simples esquecimento.

E, sensivelmente, ainda nos dias de hoje, há muitos fatos sobre os quais não há interesse em se trazer à tona, seja pelo seu carácter naturalmente delicado, seja por uma opção ideológica feita num determinado contexto e que ainda reverbera na atualidade. Enfim, seja pelo lapso provocado por acúmulos e sobreposições de silenciamentos que levam a esquecimentos, seja por inércia, ou pela ação do tempo, o dado concreto é que a efeméride completou 50 anos de passagem sem que fosse devidamente assinalada por quem de direito e de ofício. E mesmo que ainda tivesse sido assinalado, um facto desta envergadura deveria constar da memória coletiva moçambicana, futebolística ou não, independente da celebração da data em si. O Estádio da Machava é um património histórico e cultural de Moçambique, cujo surgimento vale a pena ser conhecido na íntegra, se nem tanto pela pompa e circunstância daqueles que o ergueram, que seja pela arte dos que abriram os seus caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio resulta de uma aproximação exploratória sobre o tema, sendo uma das razões a própria escassez de registros sobre o evento em si. O artigo de Elcio Cornelsen anteriormente citado é um dos poucos trabalhos académicos contemporâneos existentes, tendo servido, de certa forma, como uma caixa de ressonância para algumas ideias aqui desenvolvidas. Neste sentido, espera-se que seja uma contribuição para futuros trabalhos académicos – e não só – sobre o tema,

²⁰ Refere-se ao período de dez anos do confronto armado entre o governo português e a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), bem como todo o processo de mobilização política interna e externa, que culminariam com a independência, em 1975.

não apenas o jogo de futebol em si, mas as temáticas mais abrangentes que o envolvem. Há, por exemplo, todo um campo de estudos aberto acerca do uso do esporte como ferramenta de propaganda colonial portuguesa, que não se restringiu apenas ao futebol; os Jogos Luso-Brasileiros, realizados também na década de 1960, apresentam-se como um bom exemplo deste fenómeno e, certamente, merecem ser mais e melhor estudados.



Eusébio, ausente no jogo, mas eternizado na rua suburbana do Bairro da Mafalala, que o viu crescer. Arquivo Pessoal/Marílio Wane. [Capa da revista *FuLiA/UFMG*, v. 6, n. 2, 2021]

E a nível de abrangência maior, a reflexão sobre as diversas dinâmicas em torno de uma partida específica de futebol – tal como se pretendeu neste ensaio – permite entrever um objeto de estudo de ainda maior envergadura, merecedor do mais alto grau de profundidade analítica. Trata-se do jogo de relações políticas triangulares que envolve cada um dos espaços pertinentes. Desde o aspecto logístico ao ideológico, todo o conjunto de diligências necessárias para a realização do jogo revelam os mecanismos através dos quais se dava tal “triangulação” (conforme o título do ensaio) e, sobretudo, os significados pretendidos como resultados de tal ação. Concretamente, o aumento da produção académica acerca desta temática permite ampliar o conhecimento sobre um variado leque de debates, tais como: a construção da identidade portuguesa através do discurso colonial-imperialista; o

lugar do Brasil nesse mesmo discurso, bem como a sua participação efetiva; e a dimensão do legado colonial no patrimônio cultural moçambicano. Longe de constituírem um exercício de saudosismo, uma sociologia do esporte sobre este contexto possui imenso potencial de contribuir para o debate de questões sociais que estão na ordem do dia nas três pontas do “triângulo”.

* * *

REFERÊNCIAS

A SELEÇÃO BRASILEIRA durante a Copa de 1970. Disponível em: <https://bit.ly/2Yd16AJ>. Acesso em 26 set. 2021.

CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo: o lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. “Tudo em família com a Paz do Senhor” – certa vez, no Estádio Salazar. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 126-138, jan.-abr., 2018.

FREYRE, Gilberto. **Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. As cores da desigualdade. **Retratos a Revista do IBGE**. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, n. 11, p. 14-9, maio 2018.

PELÉ. Direção: Ben Nicholas, David Tryhorn. Brasil, 2021, 108 min., son. col.

RODRIGUES, Nelson. O melhor futebol do mundo. **Jornal dos Sports**. N. 12.247, Rio de Janeiro, p. 4.

SELO COMEMORATIVO alusivo à inauguração do “Estádio Salazar”, a 30 de junho de 1968. Blogue Houses of Maputo. Disponível em: <https://bit.ly/2ZZzBv8>.

TOSTÃO. **Tempos vividos, sonhados e perdidos**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

* * *

Recebido para publicação em: 22 mar. 2021.
Aprovado em: 17 out. 2021.